

“Piraí, uma história¹”, mas que história?

CAROLINE BÁRBARA FERREIRA CASTELO BRANCO REIS*

Prefiro considerar que o museu, em vez de espaço de produção, preservação e reforço de uma memória, transforme-se num espaço de confronto, visão crítica e entendimento das memórias. (Ulpiano Meneses)

A fim de compreender o processo de construção de uma cultura histórica ligada ao passado escravista, na região do Médio Vale do Paraíba, especificamente, no município de Piraí, o presente trabalho tomou como objeto de análise a exposição permanente “Piraí, uma História” montada na Casa de Cultura, desde a inauguração desta, em 2005. A Casa será compreendida aqui como uma instituição que produz discursos a respeito da história local e que corrobora para a construção de uma narrativa histórica e para a preservação de uma memória ligada ao passado histórico da região. O principal objetivo, portanto, é compreender como as ações da memória são construídas e a partir de quais mecanismos contribuem para a formação identitária dos piraienses.

Para tanto, considero importante ressaltar compreensão do papel dos museus na sociedade, sobretudo, a partir da problemática estabelecida por Ulpiano Meneses² em seu artigo “A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento)³”. O autor compreende o espaço do museu como “território das identidades”, cuja exposição por ser entendida como “arenas privilegiadas para apresentar imagens de si e do outro⁴”. Estabelece-se, assim, uma relação entre os museus e a identidade sócio-cultural, onde se trabalha

¹ *Mestranda pelo Departamento de História Social e da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Graduada pelo Departamento de História da mesma Instituição.

□ Título da exposição permanente alocada na Casa de Cultura do município de Piraí/RJ.

² Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses é professor Emérito da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e ex-diretor do Museu Paulista/USP. Suas pesquisas giram em torno de temas relacionados às áreas de História Antiga, cultura material, cultura visual, patrimônio cultural, museus e museologia.

³ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, n°:1, 1993.

⁴ KARP, Ivan. Apud., MENESES, Ulpiano. Op. Cit., p. 212.

com referenciais móveis, que estão em constante transformação e construção, justamente porque a sociedade intervém, constrói e modifica os conteúdos abordados pelos museus.

No entanto, não gostaria de iniciar minhas reflexões acerca do recorte espacial aqui trabalhado e do objeto investigado sem antes contextualizá-los. Piraí localiza-se na região do Médio Vale do Paraíba fluminense e possui três distritos: Vila Monumento, Arrozal e Santanésia. No que diz respeito à Casa de Cultura verifica-se que sua inauguração foi em 2005, e que está sob responsabilidade da Secretaria de Educação e Cultura que mantém a exposição permanente desde então. Localiza-se no prédio do antigo presídio do município, que possui boa visibilidade no centro de Piraí e que passou, atualmente, por uma importante reforma.

Já a exposição “Piraí, uma história”, será analisada aqui como um discurso produzido pela Casa a partir das ações de diversos atores sociais tendo em vista seu caráter formador, de produção crítica e de desenvolvimento de uma cultura histórica – mutável e construída – relacionada à história local. Como recorte temático a memória da escravidão em Piraí, sobretudo, no período cafeeiro será aqui analisada.

No museu, o risco é que uma exposição, por exemplo, se transforme em apresentação de coisas, das quais se podem inferir paradigmas de valores para os comportamentos humanos e não na discussão de como os comportamentos humanos produzem e utilizam coisas com as quais eles próprios se explicam⁵.

A análise aqui proposta foi realizada com base nas seguintes considerações: o histórico da Casa de Cultura e da exposição permanente; as iniciativas para preservação e divulgação da Casa de Cultura e da exposição e as relações estabelecidas entre a Casa de Cultura, os piraienses e o passado escravista na região. O intuito é verificar os diferentes objetivos e interesses que a Casa como uma instituição que produz discursos acerca da história local tem em relação ao passado escravista na região, para então, verificar a identidade que se

⁵ MENESES, Ulpiano. Op. Cit. p.212. Essa, portanto, é uma reflexão que exemplifica claramente o papel que os lugares de memória – neste caso a Casa de Cultura através da exposição permanente – desempenham não, apenas, no que diz respeito à rememoração dos acontecimentos passados, mas na construção de um discurso histórico ligado à região.

quer atribuir ao município de Pirai. Nesse sentido, memória e história atuam como protagonistas dos usos realizados pela exposição em relação à escravidão, à identidade e às ações políticas da região.

Tais análises terão como base as entrevistas realizadas com o responsável geral do Arquivo Municipal de Pirai, José Maria Campos Sales, bem como as visitas feitas por mim à exposição⁶.

José Maria nasceu em Pirai e mora no município até hoje. Antes de se tornar responsável geral do Arquivo, trabalhou na Casa de Cultura e compôs a equipe curadora, além de atuar em outras funções dentro da mesma. No entanto, antes de começar a trabalhar como funcionário público, desde a sua adolescência, José Maria teve contato com documentos e acervos o que lhe possibilitou trabalhar com pesquisa histórica desde novo. Alguns parentes o motivaram e o convívio com o Padre Reynato Breves também contribuiu muito para que José Maria se envolvesse no trabalho com documentação. Além disso, impressiona pela forma com que lida com a documentação e como conhece o passado histórico relativo aos documentos. Nesse caso, a habilidade e o conhecimento de José Maria não são explicados pela formação acadêmica – já que ele não é graduado em história -, mas por sua disposição de dedicação em relação à história de Pirai.

Compreendida, portanto, como lugar de memória, a exposição permanente “Pirai, uma História” montada na Casa de Cultura do município de Pirai/RJ, pretende - como grande parte das exposições - contar uma história e contribuir para a construção de uma memória coletiva. O passado histórico do município e as atuais ações governamentais na região são alguns dos assuntos explorados na exposição que conta com o uso de maquetes, objetos do período da escravidão, ilustrações e fotografias que mostram desde a formação física da região do Vale, até a dinâmica do trabalho escravo na produção de café e a conjuntura atual do município no que diz respeito à educação, cultura, economia e política. Além disso, usa réplicas de documentos de época referente aos tropeiros, escravos, imigrantes, construção da estrada de ferro, da Locomotiva Bananal, da Abolição entre outros como, por exemplo, a cópia do documento da Ação da Estrada de

⁶ As visitas tiveram um caráter de reconhecimento. A exposição foi totalmente fotografada e pude conversar por alguns instantes com uma das funcionárias da exposição.

Ferro Piraí e o pedido de elevação de Piraí à Vila, de 1833. Importante acrescentar aqui que as fontes das quais são retirados esses documentos são variadas. Vão desde o Arquivo Histórico de Piraí até os arquivos da Fundação Biblioteca Nacional/RJ

José Maria⁷ afirma que são poucos os investimentos direcionados à preservação e divulgação da Casa de Cultura, assim como as ações que possibilitem atualizar a exposição e garantir aos visitantes múltiplos olhares e maneiras de aprender sobre a história do município. Há rumores de que a Secretaria de Educação e Cultura vem se movimentando para isso e que um novo projeto vem sendo elaborado com o intuito de repaginar a exposição, mas como em todo sistema burocrático e que exige medidas e aceites de muitas partes, nem sempre o processo se torna simples e veloz.

Enquanto funcionário da Casa de Cultura⁸, José Maria conta que trabalhou também com os dados estatísticos referentes ao número de frequentadores da exposição. Ele afirma que 70% das pessoas que a visitavam eram turistas. Indagado por mim sobre o que ele considera ser o causador desse dado, José Maria aponta novamente para os poucos investimentos destinados à Casa de Cultura tornando a exposição, de certa maneira, desinteressante aos moradores, já que não apresenta novidades e se mantém da mesma forma desde que foi inaugurada, ou seja, não recebeu investimentos que a atualizassem.

Ulpiano Meneses, ainda no artigo citado acima esclarece o argumento aqui lançado a partir do seguinte fragmento:

Sua função não se limita em transmitir uma mensagem universal para uma audiência amorfa, mas que deve centra-se em colocar a população local em contato com sua própria história, suas tradições e valores. Por meio destas atividades o museu contribui com que a comunidade tome consciência de sua

⁷ Entrevista realizada no dia 13/07, no Arquivo Municipal de Piraí, e que possibilitou saber um pouco mais sobre a Casa de Cultura, o Arquivo Municipal e a trajetória de vida e profissional do responsável geral do Arquivo e ex-funcionário da Casa de Cultura, principal militante da divulgação e preservação da história local.

⁸ José Maria ressaltou que não tinha uma função específica na Casa de Cultura e que havia se tornado uma espécie de “faz tudo”, desde exercer funções administrativas até receber os visitantes e acompanhá-los pela exposição. De acordo com suas próprias palavras, ele não sabia sua funcionalidade dentro da Casa, situação essa que o incomodava bastante.

própria identidade que geralmente tem sido escamoteada por razões de ordem histórica, social e racial (...)⁹.

Defendo aqui que esses espaços se descaracterizam diante da comunidade se seus significados não forem compreendidos, sendo banalizados e pouco aproveitados como espaços de construção de saber crítico, de saber histórico. Por isso, a importância de se ter funcionários preparados e uma estrutura de organização da exposição passível de compreensão e sentido aos visitantes. No que diz respeito à exposição de Piraí, há uma divisão feita por assunto e que dá conta de abordar temas relevantes à história do município com objetos, vestuários, mapas e imagens expostos. Em geral, é possível compreender com clareza a proposta da exposição e verificar a importância dos temas abordados para a história do município.

A exposição está dividida em seis blocos: formação física do Vale do Paraíba, povoamento da região de Piraí, produção de café e mão de obra escrava, teatro de revista, início da industrialização no município e o atual contexto social, político e econômico de Piraí. Ainda no ano de 2005, José Maria se tornou funcionário do local o que lhe permitiu, também, participar da curadoria da exposição permanente que seria montada na Casa e que retrataria temas relacionados à história do Vale e do município piraiense. Em conjunto com outros historiadores – alguns do Rio de Janeiro – foi realizado um levantamento documental e iconográfico pelas fazendas e arquivos do Vale e do Rio de Janeiro, a fim de recolher materiais relacionados à história do município, desde o seu povoamento até o momento em que os primeiros esforços para tornar o município industrializado foram realizados¹⁰.

⁹ Documentos do ICOM/Conselho Internacional de Museus (Buenos Aires, 1986) Apud. LAUMANIER, Isabel. Museo y sociedad. Buenos Aires. Centro Editorial de América Latina. p 39. Apud. MENSES, Ulpiano. Op. Cit. p. 207.

¹⁰ A partir do início do século XX a busca pela modernidade se espalhou pelo país como pólvora e instigou muitos empresários e autoridades públicas a investirem em construções de ferrovias, usinas hidrelétricas – como é o caso do Grupo Light – e em muitos outros artifícios que trouxessem ao país ares europeus. Em Piraí não aconteceu diferente. Desde a construção da Locomotiva até a usina hidrelétrica, o município passou por inúmeras transformações em seu cenário urbano que viabilizou o acesso à localidade e fez com que novos investimentos fossem realizados.

É relevante inclusive pontuar considerações em torno dos diferentes campos de atuação do historiador. Essa não é a primeira e tão pouco será a última exposição a ter como colaboração o trabalho de historiadores no que corresponde à pesquisa histórica e isso nos revela não, apenas, a possibilidade que o historiador tem de trabalhar em outros campos, mas de contribuir para a construção de uma cultura histórica crítica através de outros meios que não somente o do universo acadêmico. São outros métodos, outras ferramentas e outros olhares e concepções históricas que podem abranger o público de uma forma geral, sem estar ligado à sala de aula.

Essa questão é posta por Keila Grinberg¹¹ no artigo “Historiadores pra quê¹²”. Ela abre a discussão colocando em pauta as frequentes escolhas de jovens universitários após a formatura que, na maioria das vezes, afirmam querer atuar nas salas de aula universitárias. Justificam tal escolha apontando ser esse o campo de atuação que é mais bem reconhecido socialmente. Escolas e museus, por exemplo, são considerados lugares com menor prestígio e, conseqüentemente, se tornam campos de atuação secundários para os recém-doutores formados em história. Essa é uma tendência cada vez maior e que conjectura um problema social, já que se massifica a formação de historiadores voltados para a produção individual¹³, sem pensar na relação de seus ofícios com a sociedade e o quão importante é para a formação crítica da mesma.

Sem dúvida, a atuação do historiador em exposições deve ser valorizada e vista como uma importante e fundamental contribuição para a formação de uma cultura história que deve ser desenvolvida de maneira crítica, como já mencionado.

No entanto, não são apenas os professores e pesquisadores com formação acadêmica que contribuem para a construção de um saber histórico dentro e/ou fora das salas de aula. A figura de José Maria exemplifica com clareza essa

¹¹ Professora do Departamento de História da UNIRIO e, atualmente, cursa o pós-doutorado na Universidade de Michigan, EUA.

¹² GRINBERG, Keila. “Historiadores pra quê?”. *Revista Instituto Ciência Hoje*, em 09/03/2012. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/columas/em-tempo/historiadores-pra-que> Acessado em: 13/07/2012.

¹³ Essa idéia é posta por Grinberg em comparação ao modelo de historiador do século passado e que pensava suas produções muito mais como enriquecimento individual do que coletivo.

afirmação. Não se tornou historiador a partir de uma experiência acadêmica, mas de uma experiência pessoal que o ensinou a questionar os documentos desde muito jovem. Esse é um dos principais motivos que levou a referida pesquisa monográfica a investigar os usos da história e da memória no município.

Além da participação de historiadores na curadoria da exposição, membros da agência ARCO¹⁴ também participaram da equipe curadora, principalmente, no que diz respeito à organização final do espaço físico. E, como em todo trabalho que envolve muitos braços, o resultado pode não sair como o esperado. Nesse caso, José Maria conta que houve intervenção por parte de alguns dos membros da agência em relação à inserção de imagens e textos correspondentes à parte do passado histórico da região.

No que diz respeito à forma com que os temas foram expostos, verifica-se que o primeiro bloco insere a natureza como elemento da história da região, uma vez que propôs mostrar o processo de formação do Planeta Terra, das rochas, montanhas, placas tectônicas, chegando à formação física da região do Vale. Os processos biológicos e geográficos são inseridos na exposição como agentes da história local e que fazem parte do processo de desenvolvimento e construção física da região que eles – os alunos/visitantes – habitam. Essa é uma estratégia narrativa, a meu ver, positiva uma vez que a exposição recebe turmas de alunos de escolas locais, por exemplo. É um caráter didático que perpassa por toda exposição, e que se constituiu a partir de um caráter pedagógico bastante evidente na forma com que apresenta todos os temas que se propôs a trabalhar.

Terminado o primeiro bloco, é possível perceber que, logo em seguida, busca-se dar início a explicações referentes a fatos históricos de âmbito nacional remetendo-se a temas como a história do Descobrimento do Brasil, da colonização portuguesa, da relação entre índios e europeus, nos séculos XV e XVI, e a importância do ouro para a economia do Brasil para, então, contar a história da colonização em Piraí. Assim, nota-se a escolha metodológica da exposição, nesse bloco, em partir de elementos que fazem parte da história geral para então partir para a história local, ou seja, mostrar que a história de Piraí não está dissociada da

¹⁴ Agência contratada para ser a responsável pela organização da exposição e montagem final da mesma.

história do Brasil, que a colonização não foi um fato isolado e que só ocorreu em 1500 com a chegada de Cabral, assim como os índios não existiram apenas no século XVI e não são pertencentes, apenas, ao contexto de dominação imposto pelos portugueses no momento do descobrimento do Brasil.

O povoamento indígena foi bastante explorado pela exposição e não à toa. Digo isso, porque os índios, mais especificamente das tribos Puri e Coroadó, foram os primeiros habitantes do município. Inclusive o nome Piraí é de origem indígena. A exposição aborda, ainda, a trajetória dos mesmos a partir da diversidade, ou seja, apontando as diferentes etnias existentes na região e que compunham a localidade. Não há a generalização quase que corriqueira a respeito dos índios que, em muitos casos, não têm seus hábitos e costumes diferenciados e se tornam homogêneos muitas vezes pela própria historiografia e pesquisa histórica. Além disso, a exposição mencionou elementos que apontam para as singularidades entre os povos africanos e indígenas, sobretudo, no que diz respeito aos hábitos e costumes como, por exemplo, o trato com os alimentos e com o trabalho. O texto abaixo, com título *Nossa Herança Negra*, é um dos exemplos que posso destacar para mostrar o trato estabelecido pela exposição com as culturas indígenas.

Nossa Herança Negra

Além do progresso e das riquezas produzidas com seu trabalho, os negros africanos também nos deixaram um legado cultural que está presente em todos os segmentos e regiões do país.

Quando os africanos chegaram ao Brasil, comia-se muito, mas mal. A carne, quando havia, era de má qualidade. Os frutos quase todos estragavam no pé, antes de serem colhidos. Os legumes eram coisa rara. A mandioca, cultivada pelos índios, nem sempre estava disponível. Peixes e carnes salgadas eram a base da alimentação. Quem tinha dinheiro, mandava vir de Portugal o trigo, o azeite, o vinagre, o vinho, as azeitonas, a carne em conserva e frutos secos. Quando davam sorte, chegavam, mas muitas vezes deteriorados.

Na cozinha, as mulheres não tinham os ingredientes que conheciam as nativas, pelas tradições dos povos indígenas, estavam muito mais acostumadas com o trabalho na lavoura do que à culinária. As africanas, bem nutridas em sua terra natal e acostumadas a uma dieta rica em legumes, combinações de ingredientes e temperos e aos cuidados com a comida, que estava ligada à religião, trouxeram sabor e qualidade a mesa brasileira.

Junto com os ritos religiosos os africanos trouxeram sua música e sua dança. A musicalidade estava na alma do negro, que cantava sempre que podia: no trabalho, no caminho para a roça, de volta à senzala e nos poucos dias livres. Caxambu era o nome do tambor, feito do tronco oco de uma árvore, com uma das

bocas cobertas por um pedaço de couro esticado. Seu nome se confunde muitas vezes com a dança e com as músicas. Ao som dos instrumentos de percussão, os jongueiros cantavam, numa linguagem que os brancos não entendiam e que misturava o português com dialetos africanos. Expressavam com ironia os sentimentos que tinham pelos donos e feitores, cultuavam seus Orixás, que para cultuar foram associados a santos católicos e exprimiam suas tristezas e saudades de seu continente.

Batuque, Caxambu, Lundu, suas músicas e danças cadenciadas seriam a origem do samba e de muitos outros ritmos brasileiros.

Os muitos idiomas falados enriqueceram o português e os conhecimentos medicinais e do uso das ervas, trazidos das terras africanas, ajudavam no tratamento das moléstias. A capoeira, luta disfarçada de dança, também veio da África assim como muitas outras festas, tradições e manifestações folclóricas.

Ainda no segundo bloco, além dos índios é possível verificar outros elementos que foram expostos e associados com sucesso à história de Piraí. É o caso da mineração, principal atividade econômica do Brasil, no século XVIII, que levou muitos viajantes a circularem por Piraí, que fica no caminho para Minas Gerais e São Paulo. Os chamados tropeiros viajavam dias com mercadorias e escravos, e Piraí, na maioria das vezes, era o local de descanso desses homens. É como bem explica Padre Reynato Breves¹⁵ em “Origens de Piraí¹⁶” ao explicar a forma com que o município se desenvolveu e foi povoado chegando ao título de cidade, em 17 de outubro de 1870. Famílias e comércios foram constituídos em Piraí e, aos poucos, o município foi colonizado, principalmente com o apogeu da produção cafeeira, momento em que muitos latifundiários migraram para as regiões do Vale fluminense a fim de constituírem suas fazendas para o cultivo da semente de café que seria realizado a partir do trabalho escravo de africanos.

Verifica-se que este bloco se preocupa em mostrar a prática dos aquilombamentos na região, identificando o escravo como sujeito, ou seja, como um agente que participa da história da escravidão e que tinha artifícios de proteção contra o sistema escravista. A resistência escrava será explorada pela exposição em outras circunstâncias e não apenas aqui e que será analisada ao longo deste

¹⁵ Padre Reynato Frazão de Sousa Breves nasceu em Piraí, em 1935 e morreu em Barra do Piraí, em 2004. Além de sacerdote era, também, escritor e foi o biógrafo dos Sousas Breves, sua família e de Piraí, município onde nasceu e viveu.

¹⁶ Primeiro capítulo do livro *Sant'Anna do Piraí e sua História* escrito pelo Padre Reynato Breves, em 1994, que não está sendo entendida aqui como uma obra historiográfica, mas como uma biografia de sua família e do município em que nasceu e viveu. Cf. BREVES. Padre Reynato. *Sant' Anna do Piraí e sua História*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994.

trabalho com mais precisão. Segundo, porque destaca o que é fundamental para a validade de uma pesquisa histórica: o documento. Foi possível perceber que ao longo de toda a exposição essa foi uma preocupação constante e que muitas cópias de documentos oficiais foram estampadas ao lado das descrições acerca de determinados temas como no caso acima, por exemplo.

O terceiro bloco narra especificamente o apogeu da produção cafeeira no Vale do Paraíba, no século XIX, e explorou bastante a presença dos africanos escravizados e as heranças deixadas por eles no país. A exposição mostra que com a crise da mineração a plantação de café passou a ser a principal fonte de lucro de antigos mineradores, bem como de proprietários de terras que passaram a investir na compra de escravos que trabalhariam nas lavouras das fazendas na região do Vale do Paraíba. Maquetes e ilustrações foram expostas na tentativa de mostrar não, somente, a localização das antigas fazendas cafeeiras na região do Vale e no município de Pirai, mas também a dinâmica interna das mesmas. As senzalas e as cozinhas das fazendas também são espaços representados e que significam ambientes de socialização entre os que faziam parte das fazendas – senhores, escravos, capatazes e etc.

Tais representações são exemplos concretos da tentativa estabelecida pela exposição em narrar a história da escravidão no Médio Vale Paraíba sem romantizá-la, sem estabelecer características que não condizem com a realidade do trabalho escravo nas fazendas de café. Os açoitamentos, por exemplo, foram práticas comuns entre escravos, capatazes e, por vezes, senhores e foram retratados em uma das maquetes expostas que representavam a dinâmica de uma senzala no século XIX na região do Médio Vale e, também, a partir de objetos usados nos castigos corporais. Os açoitamentos, o descanso na rede, o convívio entre escravos e senhores, o ato de moer a semente de café etc., foram elementos reproduzidos e destacados de forma muito real, principalmente, porque o trabalho de confecção das maquetes foi muito bem feito contribuindo para que todos os elementos expostos fossem bem visualizados.

No que diz respeito às práticas culturais, verifica-se a intenção de destacar a capoeira por ser uma prática trazida pelos africanos escravizados. É uma das representações que estão em evidência na maquete e que ressaltam tais práticas -

que foram criadas a partir das experiências de africanos no Brasil - não apenas para a região, mas para o país. Verificam-se, assim, mais um elemento que retrata a resistência escrava em relação à dinâmica senhorial estabelecida no XIX e que tornam africanos e mestiços agentes ativos de uma história que não é apenas dos grandes produtores de café. É a “luta disfarçada de dança” como a própria exposição, em dado momento, caracteriza. As línguas africanas¹⁷, inclusive, são mencionadas e explicitadas como um elemento de pluralidade cultural entre os africanos e que enriqueceram a língua brasileira. Ao longo da exposição outras práticas culturais foram mencionadas e caracterizadas, mesmo que sem o destaque recebido pela capoeira, o que mostra que a exposição trabalhou o tempo inteiro a partir do consenso de que o escravizado tinha seus mecanismos de proteção e formas próprias de exigir direitos em uma dinâmica fundada a partir da desigualdade e exploração.

A história de Manuel Congo é narrada e posta como símbolo da resistência, da luta dos escravizados pela liberdade e da insatisfação que sentiam em serem explorados pelo sistema escravista, assim como o exemplo do Quilombo dos Palmares que também é destacado.

A definição colonial de quilombo¹⁸, no século XVIII, aparece na exposição com o intuito de acentuar a idéia de que os escravos aquilombados não estavam isolados, ou seja, sem se comunicarem ou interagir com os não aquilombados. Muito pelo contrário. Esforçavam-se para que esse contato permanecesse a fim de saber se haviam capatazes por perto, por exemplo. Proteger-se também significava manter contato com o mundo fora do quilombo e esse foi outro ponto abordado pela exposição e que considero positivo para que o visitante se distancie, mesmo que por alguns instantes dos estereótipos que a historiografia em muitos momentos acabou criando a respeito dos quilombos e das ações dos aquilombados.

Outro ponto relevante a ser destacado aqui é a apresentação, mesmo que breve, de algumas das muitas etnias africanas que foram escravizadas na região do

¹⁷ O termo línguas é substituído no texto da exposição pela palavra “dialetos” e que aqui não foi reproduzido por entendê-lo como pejorativo.

¹⁸ ARRUTI, José Maurício. “Quilombos”. In Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA. 2006.p.3.

Médio Vale do Paraíba no século XIX. Assim como foi feito com os povos indígenas a exposição encontra uma maneira de fugir dos estereótipos e mostrar a diversidade existente entre os africanos; de mostrar as muitas partes de onde vinham os que desembarcaram no Brasil com o destino direcionado à escravidão¹⁹. Mesmo com pequenos recursos, disponibilizando de pouco tempo para montagem e pesquisa histórica dos temas que foram abordados e contando com uma pequena equipe curadora, considero que a exposição conseguiu realizar uma consistente abordagem sobre a história da escravidão na região do Vale, mostrando o interesse em distanciar-se de velhos paradigmas historiográficos²⁰ e de mostrar a importância e relevância do trabalho escravo para as transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas no XIX.

Os blocos posteriores incorporam temas relacionados ao apogeu da industrialização no século XX – com exceção do bloco que trata da história do Teatro de Revista e da ex-vedete Virgínia Lane - e aos atuais investimentos realizados pela política local no município piraiense. O quarto bloco trata do início da industrialização no município citando o projeto de construção da estrada de ferro de Pirai que facilitaria o trânsito de pessoas tornando o município interligado às regiões adjacentes. A antiga estrada de ferro D.Pedro II e a Locomotiva Bananal, ambas inauguradas no século XX, representam não apenas a ligação entre Pirai e os demais municípios do entorno, mas também os conceitos de progresso e de modernidade tão em voga nesse momento, com o enfraquecimento da política imperial e o surgimento dos ideais republicanos.

A crise do café fez com que as autoridades locais em Pirai movessem forças em função de investimentos que voltassem a trazer lucro à região. Tais construções, também serviram como meio de facilitar o vai e vem de mercadorias

¹⁹ Não me permito aqui dizer que todos os africanos desembarcados no Brasil foram escravizados. Muitos deles, antes mesmo de chegarem ao país durante a viagem, se mataram, contraíram doenças, foram açoitados e não puderam ser escravizados como muitos outros foram. Esses, no entanto, são apenas alguns dos muitos mecanismos de proteção desenvolvidos pelos africanos antes mesmo de chegarem ao Brasil e de serem escravizados nas fazendas.

²⁰ Os paradigmas historiográficos referidos aqui dizem respeito à forma com que os escravizados aparecem na dinâmica política, social, cultural e econômica da sociedade imperial e colonial, em que por muito tempo não foram tratados como sujeitos históricos, como agentes ativos e efetivamente participantes da sociedade. Autores como Caio Prado Júnior e Varnhagen, por exemplo, assumiram em suas obras a idéia de que o escravizado era submisso, sem voz, sem ação.

e de trabalhadores para as áreas mais urbanas. Há, também, os investimentos realizados, ainda no final do século XIX, pelos donos da Empresa Light com a construção de Usinas não, somente, em Piraí, mas também no extinto município de São João Marcos e nas adjacências. O êxodo rural, por exemplo, foi mencionado pela exposição como um movimento que se intensificou e fez com que muitos trabalhadores começassem a atuar nas Usinas da Light e, também, na Companhia Industrial de Papel de Piraí instalada, em 1925, no município. Esses são os símbolos máximos de que o progresso e a modernização estavam se tornando realidade entre os piraienses, principalmente porque trouxeram investidores que contribuiriam cada vez mais para melhorias na região.

O quinto bloco aborda a história do teatro de revista²¹ e de Virgínia Lane, ex-vedete. Embora muito bem montado, com réplicas variadas que vão desde o rádio antigo aos figurinos usados pelas vedetes, foi possível perceber que há certa fragilidade no que diz respeito à relação estabelecida entre a história do teatro de revista e de Lane com a história de Piraí – tema esse que a exposição, desde o início, se propôs a narrar. Não há como negar que o teatro de revista foi imensamente popular e que fez parte da história de vida e profissional de muitas pessoas da época e que em Piraí os moradores podem sim ter nutrido um sentimento especial pelo teatro. Mesmo assim, não pude identificar neste bloco a concretude desta relação ou mesmo se havia interação entre os piraienses e o teatro, porque a exposição não faz menção acerca disso.

O sexto e último bloco, trata do município de Piraí no século XXI, e se dedica a mostrar aos visitantes o atual cenário da região em termos de saúde, educação, cultura e investimentos outros, que a política local vem estabelecendo em Piraí. Ilustrações referentes aos investimentos no turismo, na cultura, e no mercado de trabalho voltado aos moradores, por exemplo, mostram o surgimento de cooperativas que, segundo a exposição, “aliam cultura e arte na geração de renda familiar para as famílias”. Além disso, a Casa de Cultura é posta como um dos atrativos turísticos de Piraí.

²¹ Ao contrário do que muitos pensam o teatro de revista não foi um gênero que mergulhou apenas nas ondas da sexualidade exibindo mulheres semi-nuas. Foi, também, um elemento difusor de críticas sociais e políticas, chegando ao auge em meados do século XX. Em Portugal e no Brasil o sucesso deste gênero teatral foi grande e se tornou bastante popular.

Essas, portanto, são considerações e impressões que destaquei de minhas visitas à Casa de Cultura e das entrevistas realizadas com José Maria e que fundamentam minha argumentação de que a exposição, ao explorar a história do município e torná-la acessível aos moradores e visitantes, pode sim ser considerada um lugar de memória. Além disso, ao configurar a história dos africanos e dos indígenas como relevante e importante para o desenvolvimento da região, explicitando conflitos, diferenças, práticas culturais, entre outros pontos exerceu a função de espaço de conflito, de produção de um conhecimento crítico, não se restringindo apenas à preservação da memória e produção de uma narrativa histórica.

A Casa de Cultura como objeto desta análise é compreendida, portanto, como lugar de memória. Sendo assim, pode ser considerado um espaço de produção e preservação da memória. Mas será mesmo só isso? Através de uma breve descrição foi possível perceber que “Piraí, uma história” tem muitos objetivos, dentre eles o de narrar o passado histórico do município, divulgar as ações e projetos políticos atuais para a região e servir como um espaço de lazer cultural para turistas e moradores. Mas por qual caminho um espaço como esse deve percorrer? O intuito deve ser apenas preservar a memória? Contar uma história? Assim, fechada a descrição sobre a exposição, um dos questionamentos que me rondam diz respeito à funcionalidade da mesma.

Essa é uma idéia defendida pelo professor Ulpiano Meneses em entrevista concedida ao Portal SESC/SP²², onde lhe foi perguntado sobre o que ele considera ser a função de um museu nos dias de hoje. Ele afirma: “Prefiro considerar que o museu, em vez de espaço de produção, preservação e reforço de uma memória, transforme-se em um espaço de confronto, visão crítica e entendimento das memórias”. Em seguida complementa: “Como o museu é inventado, sempre acreditei que sua primeira obrigação educacional seria dar a conhecer o que é um museu e como funciona”. Esse é o argumento lançado por Meneses onde ressalta que não há uma temporalidade específica para que tais funções existam e que

²² MENESES, Ulpiano Bezerra Toledo de. *Revista E*. n.º 164, janeiro de 2011. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=393&Artigo_ID=5996&IDCategoria=6908&reftype=2. Acesso em: 28/08/2012.

estas não podem ser reduzidas a modelos únicos, devido a multiplicidade de funções que espaços como esses possuem.

A presente análise assim se propôs a verificar através da exposição permanente, o processo de construção e de desenvolvimento de uma cultura histórica ligada à escravidão em Piraí. A partir da Casa de Cultura, foi possível verificar a evidente tentativa em fazer com que o africano escravizado não seja interpretado como vítima do sistema escravocrata do século XIX; que a cultura africana muito acrescentou à cultura brasileira e que a história de Piraí está diretamente ligada a esse passado de violência e opressão vivido pelos que foram escravos nas fazendas de café. A história da escravidão na região do Médio Vale fluminense tem assim a possibilidade de ganhar novos contornos, novos olhares, interpretações e maneiras de contá-la que não é a da escola, nem a da memória local influenciando a circulação de informações referentes à história do escravismo na região.

Referências bibliográficas:

ARRUTI, José Maurício. “Quilombos”. In *Raça: Perspectivas Antropológicas*. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA. 2006.

- COOK, Terik. "What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas Since 1898, and the Future Paradigm Shift". *Archivaria*, North America, 1, Feb. 1997. Available at: <http://journals.sfu.ca/archivar/index.php/archivaria/article/view/12175/13184>. Date accessed: 27 Aug. 2012.
- GRINBERG, Keila. "Historiadores para quê?". *Revista Instituto Ciência Hoje*, em 09/03/2012. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/em-tempo/historiadores-para-que>. Acessado em: 13/07/2012.
- HEYNEMANN, Cláudia Beatriz. "Arquivos Nacionais" In *Catálogo Institucional Arquivo Nacional – 1838/2004*. Rio de Janeiro, 2004.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. "Os paradoxos da memória social" In MIANDA, Danilo Santos de. (Org). *Memória e cultura: A importância da memória na formação cultural humana*. 1º Ed. São Paulo: Edições SESC/SP, 2007.
- _____. *Revista E*. nº164, janeiro de 2011. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=393&Artigo_ID=5996&IDCategoria=6908&reftype=2. Acesso em: 28/08/2012.
- _____. "A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, nº:1, 1993.
- MUAZE, Mariana. "O Vale do Paraíba e a dinâmica imperial". In: *Inventário de Fazendas*, fase III. Acesso: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios>.
- NEVES, Margarida de Souza. "Lugares de Memória da Medicina no Brasil". Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/frame.htm>. Acessado em: 12/10/2012.